

COMPARATIVO ENTRE PREVALÊNCIA, RENDA E MORATLIDADE DA DOENÇA CARDÍACA ISQUEMICA NOS ESTADOS BRASILEIROS EM CARATER DE EMERGÊNCIA NOS ULTIMOS 10 ANOS

GABRIEL R ASSIS, ANNA C V FRUCTUOSO, EMÍLIO C SIQUEIRA, ANNA V C A D FON, PEDRO H V S MARTINS, BÁRBARA H S CRUZ, TAMARA RODRIGUES DE MELO e TALLITA L DUARTE

Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ, BRASIL.

Introdução: A doença cardíaca isquêmica (DCI) continua sendo uma das maiores causas de mortalidade no mundo. O espectro dessa doença se estende desde as síndromes coronarianas agudas até a doença coronariana crônica. Deste modo, as doenças do aparelho circulatório são as mais comuns ocorridas em atendimentos e admissões nas unidades de emergência e de terapia intensiva, além de ser considerada a principal causa de mortalidade no Brasil.

Objetivo: analisar o panorama da doença cardíaca isquêmica nos estados brasileiros em caráter de emergência nos últimos 10 anos, fazer um comparativo com a taxa de mortalidade e renda, e correlacionar epidemiologia atual com os resultados obtidos.

Metodologia: Realizou-se uma revisão sistemática da literatura e uma coleta observacional, descritiva e transversal dos dados de doença cardíaca isquêmica, de idades, gênero, raça, sexo, disponíveis no DATASUS – Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS) no período de dez anos e onze meses – janeiro de 2010 a dezembro de 2020 – avaliando a incidência por estado, faixa etária, taxa de mortalidade, e no IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, avaliando a renda per capita de todos os estados e mortalidade nos últimos 10 anos, além de artigos disponíveis em Scielo e PubMed.

Resultados: No período analisado observaram-se 1.264.866 internações de emergência por DCI, desses pacientes, 35.134 foram a óbito. A faixa etária que mais se destacou com a incidência da doença foi a de 60 a 69 anos com 390.490 casos e 10.152 mortes. Os estados de maior prevalência foram: Paraná com 234.219 casos, seguido por Rio Grande do Sul com 129.345 casos, Santa Catarina com 69.6911 casos, em seguida Minas Gerais com 190.370 casos, Espírito Santo com 31.195 casos. Os estados de maior óbito percentualmente foram: Alagoas e Sergipe com 7% de óbito, Acre com 6% de óbito, Paraíba e Roraima com 5% de óbito. No comparativo entre os estados de maior prevalência e os de maiores mortalidades, os de menor renda per capita são: Alagoas, seguido por Acre, Paraíba, Sergipe e Roraima.

Conclusão: Pode-se concluir que, estados de menor renda per capita são os de maiores óbitos e estados de maior renda são os mais acometidos pela DCI. Pode-se relacionar esse fato a alguns hábitos de vida adotados nessas regiões, somado a isso pode-se incluir a qualidade dos serviços prestados e a estrutura técnica para o atendimento e tratamento, entre outros motivos que não fizeram parte da abordagem desse trabalho.